

Rui Maia Diamantino
(Organizador)



As Ciências Humanas e a Produção Criativa Humana 2

Atena
Editora
Ano 2019

Rui Maia Diamantino

(Organizador)

As Ciências Humanas e a Produção Criativa Humana 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	As ciências humanas e a produção criativa humana 2 [recurso eletrônico] / Organizador Rui Maia Diamantino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (As Ciências Humanas e a Produção Criativa Humana; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-595-2 DOI 10.22533/at.ed.952190309 1. Antropologia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Pesquisa social. I. Diamantino, Rui Maia. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Este segundo volume do e-book “As Ciências Humanas e a Produção Criativa Humana” aponta para a multiplicidade dos saberes, conforme a visão de Edgar Morin quando discute sobre o tema da complexidade. As contribuições vão desde os costumes da cultura até aos aspectos da vida prisional, que são indicativos importantes da natureza social do Brasil. Entre esses dois aspectos, a inclusão social, a discussão sobre comportamentos e sobre a atuação da educação estão presentes.

Em função da variedade dos temas que vieram para contribuir e qualificar os nossos saberes, o volume foi organizado em cinco tópicos: “memória, preservação e resgate da cultura popular”, que enfatiza a contribuição dos hábitos e valores para o estabelecimento de uma narrativa na cultura popular; “aspectos inclusivos e de mobilidade social”, com foco nas questões de pessoas com deficiência física e na posição da mulher no campo do trabalho; “perspectivas e comportamentos na terceira idade”, onde são discutidos os aspectos subjetivos do envelhecer, objeto emergente de estudos visando aos 25% de idosos na população mundial nos próximos 10 anos; “inclusividade em contextos educacionais e inovações pedagógicas”, tópico que se mostrou como o de maior contribuição para a presente publicação, refletindo a preocupação do setor acadêmico sobre os aspectos mais ventrais da educação no nosso país; e, finalmente, “comportamentos em contextos prisionais”, onde são abordadas as percepções por meio de auto relatos de mulheres e agentes penitenciários sobre suas vivências em uma das condições mais precárias que um cidadão ou cidadã pode experimentar no Brasil.

Com essas cinco seções, o leitor, a leitora, poderá aumentar suas lentes sobre os tópicos publicados, consultando, discutindo e analisando as páginas produzidas ao longo dos dezesseis trabalhos que aqui constam. São, em si, experiências de diversidade que abrangem visões das muitas regiões do país, o que torna as narrativas aqui incluídas bastante atuais para compreendermos melhor os desafios contemporâneos na construção de saberes em um país tão plural como o Brasil.

A todos e todas desejamos leituras, estudos e reflexões com muito proveito!

Rui Maia Diamantino

SUMÁRIO

I. MEMÓRIA, PRESERVAÇÃO E RESGATE DA CULTURA POPULAR

CAPÍTULO 1 1

A BENZEÇÃO POPULAR COMO LEGADO DE UMA ARTE FEMININA DE CURA PROVENIENTE DO ALÉM-MAR: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS

Yls Rabelo Câmara
Lia Machado Fiuza Fialho

DOI 10.22533/at.ed.9521903091

CAPÍTULO 2 13

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA E DO RÁDIO NO CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL NA ERA VARGAS (1930-1945)

João Alves Souza Filho
Vivian Fernandes Carvalho de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.9521903092

CAPÍTULO 3 29

RESGATE DO PROCESSO HISTÓRICO E CULTURAL DOS MUNICÍPIOS PARAIBANOS: A HISTÓRIA LOCAL NO MUNICÍPIO DE SERRA BRANCA/PB

Vilma de Lurdes Barbosa
Jéssica Hellen dos Santos Araújo
Severino Bezerra da Silva
Suelídia Maria Calaça
Márcia Albuquerque Alves

DOI 10.22533/at.ed.9521903093

II. ASPECTOS INCLUSIVOS E DE MOBILIDADE SOCIAL

CAPÍTULO 4 41

A INSERÇÃO SOCIAL DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA:UM ESTUDO DE CASO

Angela Maria de Camargo dos Santos
Idorlene da Silva Hoepers

DOI 10.22533/at.ed.9521903094

CAPÍTULO 5 53

ASCENSÃO SOCIAL POR MEIO DOS ESTUDOS DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: DA EDUCAÇÃO BÁSICA ATÉ A UNIVERSIDADE

Camila Moraes da Rocha
Ana Lúcia Oliveira Aguiar
João Dehon da Rocha Junior
José Evangelista de Lima
Stenio de Brito Fernandes
Geraldo Mendes Florio
Eliane Cota Florio
Risalva Ferreira Nunes de Medeiros
Débora Tereza dos Santos Meneses
Francinilda Honorato dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.9521903095

CAPÍTULO 6	63
ECONOMIA SOLIDÁRIA: OS QUE PRODUZEM E AS QUE REPRODUZEM	
Maria Izabel Machado	
Marlene Tamanini	
DOI 10.22533/at.ed.9521903096	
III. PERSPECTIVAS E COMPORTAMENTOS NA TERCEIRA IDADE	
CAPÍTULO 7	87
ENVELHECIMENTO FEMININO E SUBJETIVIDADE	
Roana de Jesus Braga	
Mariele Rodrigues Correa	
DOI 10.22533/at.ed.9521903097	
CAPÍTULO 8	98
FATORES ASSOCIADOS A QUEIXAS SUBJETIVAS DE MEMÓRIA PROSPECTIVA E RETROSPECTIVA EM IDOSOS RESIDENTES NA COMUNIDADE	
Alan Ehrich de Moura	
Heloisa de Freitas Pacifico	
Bernardino Fernández Calvo	
DOI 10.22533/at.ed.9521903098	
IV. INCLUSIVIDADE EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS	
CAPÍTULO 9	107
INOVANDO PRÁTICAS E METODOLOGIAS EDUCACIONAIS: POR UMA TECNOLOGIA PARA A QUEBRA DE BARREIRAS DE APRENDIZAGEM E INCLUSÃO	
Camila Morais da Rocha	
Ana Lúcia Oliveira Aguiar	
João Dehon da Rocha Junior	
José Evangelista de Lima	
Geraldo Mendes Florio	
Eliane Cota Florio	
Risalva Ferreira Nunes de Medeiros	
Débora Tereza dos Santos Meneses	
Francinilda Honorato dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9521903099	
CAPÍTULO 10	117
LABORATÓRIO MULTIMÍDIA PROPOSTA DE ENSINO PARA A MATEMÁTICA	
Wilmar Borges Leal Junior	
Robert Mady Nunes	
Nailson Martins Dantas Landim	
Lucyano Campos Martins	
Haryson Huan Arruda da Silva Santos	
Delfim Dias Bonfim	
Douglas Ferreira Chaves	
Suzane Aparecida Cordeiro	
Helaís Santana Lourenço Mady	
DOI 10.22533/at.ed.95219030910	

CAPÍTULO 11	126
LETRAMENTO E LITERATURA INFANTIL - VIVÊNCIAS COM CRIANÇAS DO PRÉ-ESCOLAR	
Ana Carolina Batista Degelane Córdova Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.95219030911	
CAPÍTULO 12	138
O SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL COMO AÇÃO DE PERMANÊNCIA E ÊXITO NO <i>CAMPUS</i> AVANÇADO FORMOSO DO ARAGUAIA, DO INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS	
Marlon Santos de Oliveira Brito	
DOI 10.22533/at.ed.95219030912	
CAPÍTULO 13	147
PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES: INOVANDO PRÁTICAS, TECENDO METODOLOGIAS E ADEQUAÇÕES PARA DISCENTES CADEIRANTES NO ENSINO SUPERIOR	
Samuel Carvalho Rebouças Ana Lúcia Oliveira Aguiar Stenio de Brito Fernandes Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes José Evangelista de Lima Francinilda Honorato dos Santos Eliane Cota Florio	
DOI 10.22533/at.ed.95219030913	
CAPÍTULO 14	156
RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESTRATÉGIAS PARA INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR – CAMPUS GURUPI / IFTO	
Saturnina Soares de Carvalho Suelene Soares Carvalho de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.95219030914	
V. COMPORTAMENTOS EM CONTEXTOS PRISIONAIS	
CAPÍTULO 15	169
AVALIAÇÃO DE VALORES BÁSICOS EM MULHERES PRESAS E DA POPULAÇÃO GERAL	
Carmen Amorim-Gaudêncio Thalita Regina Albuquerque de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.95219030915	
CAPÍTULO 16	184
ESTUDO SOBRE A RAIVA E SUAS IMPLICAÇÕES EM UMA AMOSTRA DE AGENTES DE SEGURANÇA PENITENCIÁRIA DA GRANDE JOÃO PESSOA	
Carmen Amorim-Gaudêncio Reña Herbert Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.95219030916	
SOBRE O ORGANIZADOR	195
ÍNDICE REMISSIVO	196

A BENZEÇÃO POPULAR COMO LEGADO DE UMA ARTE FEMININA DE CURA PROVENIENTE DO ALÉM-MAR: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS

Yls Rabelo Câmara

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Faculdade de Letras Português-Inglês
Baturité – Ceará

Lia Machado Fiuza Fialho

Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação
Fortaleza - Ceará

RESUMO: Esse levantamento bibliográfico tem por objetivo apresentar um panorama acerca de nossas rezadeiras tradicionais: de suas origens europeias (como bruxas, saludadoras, santeiras, cuspideiras e meigas galegas) até os dias atuais. Tanto essas como aquelas são típicas do ambiente campestre - e periférico, se citadino. Seus consulentes as têm buscado, independentemente de sua classe econômica, sistema de crenças ou grau de instrução, para a solução de problemas que vão dos sentimentais aos orgânicos, dos profissionais aos vicinais, dos agrários aos financeiros. Acreditamos que o estudo dessas mulheres que curam, presentes em todo o mundo sob os mais diversos nomes, deve ser intensificado para que seu legado não se perca. Portanto, para embasar nossas considerações, ancoramo-nos em teóricos referenciais da área como Conceição (2008), Rosário *et al.* (2014), Santos (2007, 2009) e

Theotonio (2011). Concluimos que a figura das rezadeiras vem sofrendo transformações e recebendo influências ao longo dos séculos, mas sem perder sua essência ligada à manipulação da energia e daí a relevância desse trabalho: servir de instrumento a mais na preservação da memória dessas mulheres que provêm a auto cura e a cura de outrem.

PALAVRAS-CHAVE: Curandeiras, Origens, Medicina Popular.

FOLK BLESSING AS A LEGACY OF THE FEMALE ART OF HEALING FROM THE BEYOND SEA: APPROACHES AND REMOVALS

ABSTRACT: This bibliographic survey aims to present a panorama about our female folk healers: from their European origins (as witches, *Saludadoras*, *Santeiras*, *Cuspideiras* and Galician *Meigas*) to the present day. Both the former and the latter are typically from the peasant and peripheral environment (especially if they live in the city). Their querents have sought them, regardless of their economic class, belief system or degree of education, for the solution of problems ranging from sentimental to organic, from professionals to problems with their neighbors, from agrarian to financial. We believe that the study of such women who heal, who are present throughout the world under different names, must be intensified so that their

legacy is not lost. Therefore, we anchor our investigation in reference theoreticians of the area such as Conceição (2008), Rosario *et al.* (2014), Santos (2007, 2009) and Theotonio (2011). We conclude that the figure of the popular female folk healers has been suffering transformations and receiving influences over the centuries, but without losing its essence linked to the manipulation of energy - hence the relevance of this work: to serve as an instrument for the preservation of the memory of such women who provide self-healing and cure.

KEYWORDS: Female Folk Healers, Origins, Popular Medicine.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Investigando e levantando bibliografia para a concepção e confecção de nossa dissertação e, posteriormente, de nossa tese doutoral, constatamos que uma das personagens da obra que nos serviu de objeto de estudo, Morgana (a bruxa mais importante da tetralogia de Marion Zimmer Bradley, *As Brumas de Avalon*), encarna o poder curador da mulher na literatura arturiana, refletindo a cultura celta e outras anteriores e também contemporâneas a ela.

Essa mesma representação empoderada da mulher pode ser apreciada nas mais diversas culturas dos mais diversos momentos históricos - personificada em bruxas, feiticeiras, magas, meigas galegas, curandeiras, benzedoras, mezinheiras, parteiras e rezadeiras, além de outras denominações que descrevem a mulher sábia, conhecedora dos mistérios da natureza, amparada por uma farmacopeia específica para curar e matar, atrair e repelir, livrar e condenar. Dicotômica *per se*, é necessária em sua comunidade em maior ou menor grau, por isso também vem sendo respeitada em uns momentos e perseguida em outros, a depender dos interesses envolvidos.

Aprofundando nossas investigações no pós-doutorado sobre essas mulheres que manipulam a energia curativa, acompanhamos os trabalhos de algumas rezadeiras da periferia de Fortaleza, capital do estado do Ceará, enxergando a ligação delas e, em sentido macro, de nossas rezadeiras tanto atuais como pretéritas, com as longínquas bruxas ibéricas perseguidas e condenadas na Inquisição e na Caça às Bruxas, cujo legado pode ser encontrado em curandeiras galegas e portuguesas da atualidade, conforme defendem Suris (2015) e Coelho (2017). Essas são, ao igual que as nossas, benfazejas e inseridas no contexto rural ou periférico - se citadino.

À luz de Suris (2015) e Coelho (2017), a arte da benzeção no Brasil iniciou-se na colônia, ainda no século XVI, quando para aqui rumaram rezadeiras portuguesas degredadas, fugindo da Inquisição em Portugal e que em terras brasileiras mesclaram sincreticamente seus saberes com o conhecimento medicinal autóctone, prestando seus serviços tanto a colonos quanto a colonizadores. Contudo, até que ponto nossas rezadeiras aproximam-se ou afastam-se das rezadeiras galego-portuguesas ancestrais, descendentes que são daquelas curandeiras proscritas e, por sua vez, até que ponto essas últimas aproximam-se ou afastam-se das bruxas que a Inquisição e

a Caça às Bruxas perseguiram e condenaram?

A cura pela intercessão feminina, pelo que pudemos apreender do levantamento bibliográfico que fizemos para esse estudo, está atualmente mais vinculada, em nível mundial, às curandeiras neoxamânicas ligadas ao Sagrado Feminino do que às antigas benzedeadas que se utilizavam e ainda se utilizam de conhecimentos repassados por suas antecessoras, assim como instrumentos naturais específicos para a realização de seu labor. Essa identificação, pelo que pudemos observar, é influenciada pelos movimentos espiritualistas pós-modernos, como o Neoxamanismo, a Wicca e o Sagrado Feminino, nos quais a mulher empoderada é cultuada, mulher essa que provê a cura e a auto cura a partir de conhecimentos que lhe são transmitidos por curandeiras outras – quer seja em um curso, solitariamente ou nos encontros esporádicos que promovem em ambientes naturais como chapadas e matas.

Assim sendo, nas sessões que seguem, trataremos primeiramente dessa mulher que cura, mostrando-a como o agente popular de sanção que tem sido para, em um segundo momento, tratarmos de sua chegada a terras brasileiras, advinda da Península Ibérica no decorrer do século XVI, perseguida por razões religiosas. Por último, abordaremos a ressignificação de sua imagem nos dias atuais - repaginada por necessidades históricas e sociológicas – seguindo sua missão sob outra roupagem, mas sempre como a mulher poderosa, que usa de seu dom para curar a si e aos outros.

2 | A ARTE DA BENZEÇÃO E AS BENZEDEIRAS: A MULHER COMO AGENTE DE CURA

Consoante o que expomos antes, contrariando o que comumente fez-se crer, a bruxa ancestral nunca foi sumariamente erradicada como se pretendia. Ela seguiu existindo atualizada e camuflada sob outros nomes; no Brasil, foi rebatizada como curandeira, rezadeira, benzedeadas, mezinheira e parteira, segundo Conceição (2008).

Segundo Santos (2015, p. 14), “A benzeção é uma prática popular de cura, que utiliza uma linguagem específica, tanto oral, quanto gestual, com o objetivo de não apenas curar, mas também de dar uma explicação sobre o que está acontecendo.”. Em vista disso, os consulentes que buscam uma rezadeira o fazem porque a consideram não somente uma curandeira, mas também uma conselheira. Essas mulheres tocadas pelo dom da cura são especialmente respeitadas em suas comunidades porque extrapolam o limite físico e dialogam com o etéreo. Conforme Morais (2007), **dom** vem do latim *donum*, que quer dizer “oferta feita aos deuses”. Estendendo um pouco mais esse conceito, podemos afirmar que ele significa a “oferta concedida por Deus a certas criaturas que se tornam dotadas.”. (MORAIS, 2007, p. 447).

Para Santos (2007) e Araújo (2011), não são as rezadeiras que escolhem seu caminho: elas são escolhidas por e para ele. Uma vez triadas entre tantas mulheres

de seu meio para esta missão que consideram nobre, elas sentem-se na obrigação de retribuir esse obséquio divino servindo de intercessoras entre a Espiritualidade e aqueles que as buscam. Normalmente, segundo Santos (2007) e Araújo (2011), o dom pode ser-lhes revelado por meio de uma visão, de um sonho ou de um acontecimento sobrenatural, pela superação de um grande obstáculo ou pode ser-lhes transmitido por alguém que já o tenha e desenvolva - a fim de que seja continuado.

A benzeção cura doenças do corpo e do espírito, doenças que o saber médico não alcança entender nem tratar. As mais conhecidas são, a saber: cobreiro (irritação na pele), dor de cabeça, dor de dente, dor de barriga, peito aberto ou arca caída (dores na região do tórax), afta, espinhela caída (lumbago), quebranto (mau olhado), bicha (lombriga e vermes), arduento (derrame e paralisias), vento brabo (choque térmico), machucadura e rendidura (dores musculares e lesão por esforço), coceira, brotoeja, bronquite, rouquidão, erisipela, ventosidade (gases), torção de braços e pernas e quebradeira no corpo (SANTOS, 2007; ARAÚJO, 2011).

No ritual de cura praticado por essas mulheres há tanto aproximações como afastamentos entre elas devido ao seu *modus operandi* individual, não coletivo: “cada benzedeira possui um rito próprio, uma maneira singular de benzer. [...] Essa singularidade a torna ainda mais fascinante, uma vez que presenciamos várias maneiras de se alcançar o mesmo objetivo: a cura através da fé.” (NOGUEIRA; VERNONITO; TRISTÃO, 2012, p. 169). Além disso, elas utilizam-se de uma rica farmacopeia na fabricação artesanal de unguentos, xaropes, emplastos, garrafadas e banhos de limpeza, além de saberes *sui generis* que as capacitam para práticas divinatórias (SANTOS, 2005). Aqui fazemos um adendo respaldado por Furgoni (1991) para lembrarmos que esse conhecimento farmacopeico remete ao saber fitoterápico das mulheres acusadas de Bruxaria por detê-lo no Medieval, e assim diferenciarem-se dos homens, especialmente dos homens que exerciam a Medicina.

Além do ritual de reza, acompanhado de gestos feitos no corpo do consulente com um galho viçoso de pinhão, guiné ou alecrim, por exemplo, a benzedeira unge-o de forma repetitiva e repetindo palavras memorizadas (mas não por isso seguindo um padrão único) ou ditas na efervescência do momento (THEOTONIO, 2011). A palavra é o meio utilizado para que a cura atinja o consulente. A atenção volta-se para o que é dito – as jaculatórias e os ensalmos. A confiança da benzedeira em sua reza e a confiança nela depositada pelos que a procuram são fundamentais para que a magia funcione como se pretende. Segundo Cunha (2012, p. 1), “Por meio da palavra ou por meio da memória destas guardiãs, esses saberes foram adquiridos, transmitidos e reconstruídos.”. Normalmente, no início das benzeduras, para abrir o ritual, é comum utilizar-se de rezas estipuladas pela liturgia católica como o Credo, o Pai Nosso e a Ave Maria, logo após a persignação dos presentes. Mas, a depender da benzedeira, na oração podem entrar entidades outras, distintas das do panteão cristão como orixás, caboclos e/ou índios. Para cada tipo de demanda dos consulentes existe um tipo de reza distinto, afirma Theotônio (2011).

Além dos males já elencados, os consulentes buscam essas mulheres com o intuito de resolverem também seus problemas nos campos afetivo e profissional; para recuperarem e/ou preservarem a potência sexual; para selarem uma decisão importante e que afetará suas vidas; para encontrarem pessoas e objetos perdidos, além de bens roubados; para pedirem uma boa colheita; para que as parturientes tenham um bom parto; para se livrarem de um encosto, resolverem conflitos familiares e combaterem vícios (SANTOS, 2005; THEOTONIO, 2011).

Para que entendamos o valor dessas mulheres em nosso meio, o que significaram e significam para a nossa saúde em todos os âmbitos, no pretérito e no presente, faz-se necessário retrocedermos no tempo e explanarmos sobre suas origens, atreladas às suas antecessoras portuguesas e galegas, cujo legado segue sendo fomentado por atuais rezadeiras tanto na Península Ibérica quanto no Brasil.

A seguir, apresentamos um panorama da benzeção no Norte de Portugal e na Galiza, a chegada da figura da rezadeira ao nosso país por meio dos colonizadores e imigrantes ibéricos e a maneira como ela se fundiu com o elemento autóctone no primeiro momento e com o africano, no segundo.

3 | BENZEIRAS: DOS RESQUÍCIOS DE NOSSA COLONIZAÇÃO PELOS IBÉRICOS AO SINCRETISMO RELIGIOSO NO BRASIL

No Norte de Portugal, onde repousam algumas de nossas mais genuínas raízes culturais (tendo por base que estivemos na condição de colonos desse país por mais de trezentos anos), mais especificamente na região de Trás-os-Montes, crê-se que uma pessoa pode herdar o dom da cura de maneiras peculiares, como defende Moraes (2007):

- a) Se quando no ventre materno o bebê chora ou emite sons e a mãe se cala sobre isso. Com essa característica prévia, esse bebê nascerá com os dons da cura e da vidência;
- b) Se uma mulher com o **dom** parir sete filhas. Destarte, sua filha mais jovem o herdará;
- c) Se uma mulher parir gêmeos. Sendo uma mãe que passou por uma gravidez e um parto gemelares, estará propensa a recebê-lo e desenvolvê-lo.

Segundo esse estudioso, “O dom natural, com poder, precisamente por acontecer à nascença, favorece às criaturas de aptidões especiais que, quando necessário, agem sobre outrem sob o olhar do poder divino – este é de longe o dom mais raro e exclusivo das mulheres.”. (MORAIS, 2007, p. 485). Por essa citação fica patente que o dom da cura é uma prerrogativa do elemento feminino, segundo esse e outros teóricos como Paradiso (2011), Stancik (2009) e Zordan (2005).

Era comum que as antigas rezadeiras portuguesas, também chamadas de santeiras e saludadoras utilizassem, além das mãos, a saliva para curar. Por essa característica eram conhecidas como “cuspideiras”. Para garantirem a pureza de seu dom, a saliva que aplicavam nos consulentes era a primeira do dia, com a rezadeira em jejum desde o dia anterior. Morais (2007) afirma também que essas mulheres preparavam defumações (que auxiliavam as sessões de exorcismos) e vomitórios em forma de garrafadas (para desfazer, por meio do vômito, o feitiço feito por mulheres para atraírem os homens de outras, presos por aquelas com feitiços em forma de beberagens, onde um dos ingredientes era sempre gotas de suor ou de sangue menstrual da mulher que queria esse homem alheio e para quem fazia o feitiço).

Na Galiza, sita justamente em cima de Portugal e que no passado a ele esteve unida territorialmente, comungando a mesma língua até o século XIII, o galaico-português, as rezadeiras são relacionadas às *meigas* - bruxas benéficas e protetoras pertencentes ao folclore galego, como já explicamos anteriormente, em nota de rodapé. A Galiza se distingue de outras regiões peninsulares ibéricas porque, segundo Nogueira (1992), ali se processaram e condenaram poucas bruxas. Contudo, legou-se ao inconsciente coletivo galego uma grande quantidade de lendas e superstições envolvendo essas mulheres. Infelizmente, informações mais apuradas sobre as bruxas galegas não chegaram até nós.

Entre lâmias, lumias, meigas e bruxas situamos a benzedeira galega, referência incontestante do poder feminino de cura na Galiza de ontem e de hoje, de onde emigraram, entre o final do século XIX e o início do século XX, muitos espanhóis famintos e tocados pela lazeira, esperançosos de encontrarem na América do Sul, especialmente na Argentina e no Brasil, melhores condições de vida. Antes deles, portugueses, holandeses e franceses aqui já haviam desembarcado na época da colônia, estabelecendo-se ou retirando-se depois de algum tempo de resistência por parte dos nativos.

Remontando, então, ao Brasil Colonial, aparte dos físicos ibéricos (médicos diplomados) que emigraram para cá na condição de degredados e dos pajés autóctones, haviam aqui agentes populares de cura, também emigrados da Península Ibérica: curandeiros, parteiras, sangradores, dentistas e barbeiros – cujas práticas sobreviveram durante o período monárquico e adentraram no período republicano (STANCIK, 2009). Reiteramos que naquele momento, Medicina, religião e magia estavam amalgamadas, tanto na Medicina erudita quanto nos sistemas populares de cura, na metrópole e nas colônias portuguesas (RIBEIRO, 2015).

As doenças tropicais, desconhecidas pelo europeu colonizador, representaram um sólido problema quando a colônia foi oficialmente estabelecida. Em uma época de muitos homens e poucas mulheres, adoecer e/ou parir na *Terra Brasilis* supunha para essas a morte ou quase. Para além disso, somado ao fato de haver poucos físicos para atender à demanda de bandeirantes, evangelizadores e degredados, havia o pudor feminino, que impedia que os profissionais da saúde exercessem seu labor

com as mulheres, tal como o faziam com os homens. Para atendê-las haviam as parteiras e as rezadeiras, muitas delas vindas nas caravelas portuguesas na condição de expatriadas, como afirmam Stancik (2009) e Silva (2009).

Aos saberes trazidos pelas antecessoras das atuais rezadeiras galegas e portuguesas que para cá rumaram, juntaram-se os saberes de índios autóctones brasileiros e dos escravos africanos que para aqui foram trazidos de 1530 até final do século XIX. Esses conhecimentos, mesclados e reconfigurados, foram arduamente perseguidos em distintos momentos de nossa história.

Adentrando mais no tema e focando no presente, em linhas gerais, as benzedadeiras brasileiras são mulheres que se dedicam ao lar e por isso, muitas vezes, não são economicamente ativas. Normalmente prescindem de uma agenda e atendem seus consulentes conforme estes as procurem por demanda espontânea (CONCEIÇÃO, 2008). A varanda, o jardim e o quintal são os espaços da casa onde costumeiramente realizam seu trabalho, que é também de onde, o mais das vezes, recolhem as folhas e os ramos das plantas que serão utilizados nas rezas. Segundo Câmara, Sanz-Mingo e Câmara (2016), elas caracterizam-se por serem, muitas vezes, mulheres pobres, enxergadas como sujeitos históricos que não possuem letramento suficiente, mas que, a despeito dessa condição e dessa lacuna, preservam a memória e a oralidade e contribuem para com a identidade social que seu coletivo representa – teoria reforçada por Halbwachs (1990).

Pelo levantamento bibliográfico que fizemos para trabalhos afins nessa mesma temática, acreditamos que o porquê da procura por essas mulheres não repousa somente na carência de médicos em algumas regiões mais pobres de nosso país, onde elas se encontram em maior número, mas também se deve ao fato de que elas estão mais próximas de seus consulentes do que os médicos o estão de seus pacientes e, principalmente, porque as benzedadeiras curam as doenças que os médicos não diagnosticam nem curam - como o mau olhado (CÂMARA; SANZ-MINGO; CÂMARA, 2016).

Embora haja rituais de cura de origem ameríndia e africana em seu *modus faciendi*, o que predomina na benzedura brasileira é o apelo aos santos católicos (ainda que rebatizados com nomes de entidades outras). Para Burke (2003, p. 5), em seus estudos acerca do hibridismo cultural, ao nos defrontarmos com o que possivelmente diz respeito a duas tendências culturais distintas, não devemos entendê-las de forma separada, pois “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural.”. Independentemente da religião que pratiquem, cujas influências estendem à sua práxis, a importância destas mulheres em suas comunidades é inconteste.

Assim como a Pajelança, o Cristianismo Popular, categoria à qual as rezadeiras pertencem, foi amplamente perseguido pelos médicos e defensores do saber científico, principalmente entre o final do século XIX e início do século XX. Na tentativa de evitar o rótulo de charlatãs, grande parte das benzedadeiras se assume como católicas

praticantes, embora não o sejam (CONCEIÇÃO, 2008). Ademais, são unânimes em afirmar que não cobram por suas rezas e conselhos - também para evitar a desconfiança por parte dos consulentes. É interessante ressaltarmos que mesmo contando com um sistema de saúde que pode ir de precário a regular, o paciente que procura o médico não se abstém de procurar as benzedeadas, o que aproxima a terapêutica alopática da magia (THEOTONIO, 2011; ROSÁRIO *et al.*, 2014).

Podemos dizer que a contemporaneidade, ao mesmo tempo que propiciou uma marcada aproximação virtual entre as pessoas, tornou-as também mais solitárias. Segundo Buber (1979), é no contexto relacional e dialógico que essa realidade pode ser alcançada. A relação dialógica é possível no “entre” das relações interpessoais que possibilitam a atualização de si e a ultrapassagem do próprio Eu, sem que se perca em si mesmo. Por sermos seres de relação, a boa acolhida sobrepõe-se à técnica excepcional porque, para Buber (1979), muito mais do que falar com o Outro, a relação dialógica permite a plenitude da relação Eu-tu. Por isso também as benzedeadas seguem operantes: seu diálogo com os pacientes é acolhedor e abraça suas queixas sem distinção.

Ainda conforme Buber (1979), a atualização de si na relação com o Outro está diretamente relacionada com a capacidade real de haver um processo de ouvir autêntico que ultrapasse o conceito do escutar alguém, devotando-lhe interesse generoso por suas questões, a atenção e a doação amorosa de tempo, o cuidado necessário de fazer com que o consulente se torne presente. Por essas razões também as rezadeiras são normalmente melhor aceitas em suas comunidades do que os agentes de saúde convencionais (como médicos, por exemplo): porque acolhem mais e melhor seus pacientes.

A seguir, analisamos a resignificação do papel das rezadeiras e a atualização de seu contexto de atuação legitimada pela Pós-Modernidade.

4 | A BENZEÇÃO LEGITIMADA POR NOVOS SABERES, POR NOVAS PRÁTICAS E POR NOVAS LEIS

Quando nos referimos às benzedeadas, é esperado que o senso comum as vincule com questões religiosas, assim como com a Medicina alternativa (OLIVEIRA; PADILHA, 2011). Geralmente, para pessoas que não têm o devido conhecimento sobre o tema, a egrégora que a elas corresponde está, o mais das vezes, relacionada com o charlatanismo e o amadorismo – o que é uma inverdade e uma injustiça.

Tomando por base sua atuação como agentes sociais promotores de saúde e bem-estar, como gerenciadoras de conflitos e conselheiras nos mais diversos assuntos para quem as busca, sua configuração foi sendo paulatinamente resgatada pela ciência. Como consequência disso, o ano de 1977 marcou o início das pesquisas da Organização Mundial de Saúde sobre a eficácia terapêutica das plantas medicinais, tradicionalmente empregadas por povos de diversas partes do mundo no auxílio à

cura de doenças do corpo e da alma. De matéria-prima de práticas consideradas supersticiosas, levadas a cabo por pessoas “ignorantes e incultas”, a farmacopeia das rezadeiras passou a ser vista como uma alternativa viável para a cura de diversos males (SANTOS, 2005). A fitoterapia vem sendo a Medicina Integrativa que mais cresce ao longo dos anos, conforme Santos *et al.* (2011), além de conectar o homem com a natureza restaurando sua imunidade, normalizando suas funções fisiológicas, desintoxicando seu organismo e rejuvenescendo-o.

Não obstante, não foi apenas a ciência médica que se interessou pela utilização das ervas nesse sentido: rezadeiras, parteiras, raizeiros, pais e mães de santo, médiuns espíritas, pajés, xamãs, wiccanos e praticantes do Sagrado Feminino passaram a ser apoiados por uma rede de entidades que garantem a inserção social das práticas de cura que eles promovem (HELMAN, 2003; RABELO, 1994; LOYOLA, 1984). Além disso, conceitos como permacultura e biofitoterapia passaram a integrar o campo semântico do discurso referente à benzeção e às benzedadeiras.

Hoje, nos círculos espirituais onde a mulher prepondera como agente de cura, a palavra curandeira suscita a ideia da curandeira neoxamânica, como mencionamos anteriormente, com formação em cursos rápidos que reverenciam o Sagrado Feminino e estabelecem a ligação direta da mulher com a natureza, de onde provém a vida e tudo o que é necessário para mantê-la em homeostase. Essas mulheres, bastante mais presentes no meio rural do que no meio urbano e, se nesse, em lugares menos privilegiados pelo poder econômico, têm, normalmente, uma vida simples – muitas delas, inclusive, vivem na/da permacultura, em comunidades autossustentáveis.

Uma experiência reconhecida e premiada no meio acadêmico, que alimenta a permacultura e que reverte seus frutos para a comunidade em geral em forma de remédios fitoterápicos e cursos de capacitação é a Farmácia Viva, do Horto de Plantas Medicinais da Universidade Federal do Ceará, concebida e legada pelo farmacêutico e professor Francisco José Abreu Matos e instituída no Sistema Único de Saúde (SUS) por meio da Portaria nº 86/GM/MS, de 20 de abril de 2010.

Voltando nosso olhar para as curandeiras tradicionais e reafirmando o que já expomos antes, sua atuação tem um caráter preventivo gerador de bem-estar físico, emocional e espiritual, tanto individual quanto coletivo, e que não tem por objetivo a exclusão do processo terapêutico alopático, mas o somatório de esforços para prover um cuidado integralizado do sujeito. A grande relevância de tal prática é retornar às origens da natureza enquanto fonte de saúde (uma vez que a contemporaneidade fez com que o sujeito se afastasse do seu centramento), retornar ao contato com sua memória curativa ancestral e ecológica das formas efetivas de preservação da saúde.

Conforme Theotonio (2011) e reforçando o que explanamos na sessão anterior, a Medicina Popular faz parte de nossa constituição histórica e nos remete ao período colonial, uma vez que as benzedadeiras fazem parte do contexto ibérico pretérito e atual e tendo por certo, de acordo com Stancik (2009) e Silva (2009), que algumas dessas mulheres naturalmente sábias e tocadas pela Espiritualidade vieram para o nosso

país com a colonização, encontrando eco na Pajelança, no Cristianismo Popular e nas religiões de matriz africana *a posteriori* (SURIS, 2015; COELHO, 2017). Seu conhecimento posto em prática há pelo menos cinco séculos em terras brasileiras tem sido revalorizado pela Etnobotânica, que procura compreender como a flora, especialmente as plantas medicinais, vêm sendo utilizadas empiricamente e quais os significados e crenças que elas envolvem (MACIEL; GUARIM NETO, 2006; PASA, 2011).

Com a fitoterapia legitimada para aplicação no SUS, a imagem que delas fazemos e populariza ainda mais sua práxis. Consideradas como auxiliadoras na cura, trabalhando em paralelo com o saber médico, as rezadeiras vêm tendo seu ofício revalorizado nas duas últimas décadas e estão saindo da invisibilidade com pecha de rechaço na qual foram submetidas, malgrado seu, pela Medicina falocêntrica e hospitalocêntrica, de maneira disfarçada ou manifesta.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos esse trabalho, ratificamos a importância de se estudar essas mulheres que curam. A figura da rezadeira sempre esteve presente na história da humanidade, reconfigurada segundo os interesses em questão e os contextos nos quais têm se inserido.

Conhecidas sob as designações de bruxas, feiticeiras, curandeiras, benzedadeiras, mezinheiras, rezadeiras, parteiras, meigas galegas ou magas, têm-se prestado a amainar a dor de outrem (quer física, quer mental, quer espiritual), além de proverem alento com conselhos, feitiços em forma de simpatias, práticas divinatórias e de produzirem artesanalmente remédios, unguentos, emplastros, banhos, chás, garrafadas e vomitórios a partir do domínio do conhecimento que têm sobre ervas e da farmacopeia de que dispõem.

Esse conhecimento ancestral chegou-nos por meio das bruxas ibéricas perseguidas pela Inquisição em Portugal, entre os séculos XVI e XVII, e pelas que fugiram das agruras de uma Espanha atrasada economicamente, nos séculos XIX e XX - que aqui chegando mesclaram seus saberes aos de índios nativos e de escravos africanos e que resultou no mosaico religioso sincrético que vemos tendo como característico nosso desde então.

A partir daquele momento, contínuas transformações que lapidaram sua configuração original fizeram-se necessárias para que sua presença se estabelecesse entre nós e chegasse à atual geração de rezadeiras neoxamânicas que hoje abundam no cenário ecumênico brasileiro juntamente com curandeiras tradicionais de várias denominações religiosas.

Esse artigo presta-se a servir como um instrumento a mais na busca pelo resgate e conservação da memória de nossas rezadeiras tradicionais, apresentando suas origens, evolução e *status quo*, e ansiando para que sejam melhor estudadas em

egrégoras que extrapolam as Ciências Humanas e atingem outras esferas, onde sua presença já foi menos tolerada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fabiano Lucena Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: estudo de caso sobre uma benzedeira. **Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 18, p. 81-97, set., 2011.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. Introdução e tradução de Newton Aquilles Von Zubben. 2 ed. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

CÂMARA, Yls Rabelo; SANZ-MINGO, Carlos; CÂMARA, Zzy Maria Rabelo. Das bruxas medievais às benzedeadoras atuais: a oralidade como manutenção da memória na arte de curar - uma pesquisa exploratória. **Boitatá**, v. 11, n. 22, p. 221-236, 2016.

COELHO, Miguel Alexandre Batista. Religiosidade Popular: tradições, práticas e mitos. **Dissertação**. Mestrado Integrado em Teologia. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal, 63f., 2017.

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. **Ser rezadeira**: experiências e práticas culturais de participantes da Medicina popular - Gov. Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970). **Revista Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**, p. 1-7, 2008.

CUNHA, Lidiane Alves da. Saberes e Religiosidades de Benzedeadoras. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 13, p. 1-6, 2012.

FURGONI, Chiara. La femme imaginée. In: DUBY, Georges; KLAPISCH-ZUBER, C. (Org). **Histoire des femmes en Occident – Le Moyen Age**. v. 2. Paris: Plon, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha. Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção. **Guaju – Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável**, v.1, n. 2, p. 110-126, jul./dez., 2015.

MACIEL, Márcia Regina Antunes; GUARIM NETO, Germano. Um olhar sobre as benzedeadoras de Jurema (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 3, p. 61-77, set./dez., 2006.

MORAIS, Maria João Moreira de. Saberes e Poderes que Só às Mulheres Pertencem. **Actas do VIII Congresso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres em Galicia. Galicia e os Outros Pobos da Península**. Barcelona, 2007.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. A migração do Sabbat: a presença “estrangeira” das bruxas europeias no imaginário ibérico. **Espacio, Tiempo y Forma**, Serie IV, Hª Moderna, v. 5, p. 9-30, 1992.

NOGUEIRA, Léo Carrer.; Versonito, Suelen Malheiro.; TRISTÃO, Bruno das Dores. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – O caso do município de Mara Rasa, Goiás, Brasil. **Rev. Geo.**, UEG, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 167-181, jul./dez., 2012.

OLIVEIRA, Oséias de; PADILHA, Milene Aparecida. História, Memória e Benzimentos. **V Congresso Internacional de História**, p. 2877-2883, 2011.

- PARADISO, S. R. Mulher, bruxas e a literatura inglesa: um caldeirão de contra discurso. **Revista Cesumar**, v.16, n. 1, p.189-202, 2011.
- PASA, M. C. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 179-196, jan./abr., 2011.
- RIBEIRO, Luis Henrique Leandro. Território e Macrossistema de Saúde: os programas de fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS). **Tese**. Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 305f., 2015.
- ROSÁRIO, Maria do; SÁ, Lenilde Duarte de; KLÜPPEL, Berta Lúcia Pinheiro. Reza e Tecnologia Leve no Diálogo entre os Saberes Científicos e Populares. **Cadernos de Pesquisa em Ciência da Religião**, n. 23, p. 96-112, 2014.
- SANTOS, Denilson Lessa dos. Nas Encruzilhadas da Cura: crenças, saberes e diferentes práticas curativas. **Dissertação**. Mestrado, UFBA, Santo Antônio de Jesus, 230f., 2005.
- SANTOS, Leticia dos. A Permacultura como Dispositivo de Ressignificação do Espaço Geográfico. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Curso de Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 73f., 2015.
- SANTOS, R. L., GUIMARÃES, G. P., NOBRE, M. S. C., PORTELA, A. S. Análise sobre fitoterapia como prática integrativa no Sistema Único de Saúde. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v.13, n. 4, p. 486-491, 2011.
- SANTOS, Francimário Vitor dos. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta, na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, São Paulo, n. 8, p. 6-35, 2009.
- _____. O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN, 2007. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 196f., 2007.
- SILVA, Claudia Santos da. Rezadeiras: Guardiãs da Memória. **V ENECULT – Quinto Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Faculdade de Comunicação UFBA, p. 1-16, 2009.
- STANCIK, Marco Antonio. Medicina e Saúde Pública no Brasil: dos pajés e físicos aos homens de Ciência do século XX. **Revista Esboços**, v. 16, n. 21, p. 111-136, 2009.
- SURIS, Andreia. Um Olhar sobre as Mulheres Acusadas de Feitiçaria pela Terceira Visitação do Santo Ofício na América Portuguesa (Grão-Pará, 1763-1769). **Trabalho de Conclusão de Curso**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 63f., 2015.
- THEOTONIO, Andrea Carla Rodrigues. Práticas de Rezas: oralidade e cultura no cotidiano das rezadeiras, p. 1-7, 2011.
- ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto. Bruxas: figuras de poder. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, p. 331-341, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agentes de Segurança Penitenciária 8, 184, 185, 188, 190, 192, 193

Ansiedade e Depressão 102

Aprendizagem 7, 47, 57, 58, 59, 81, 92, 93, 107, 108, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 140, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 159

Ascensão Social 6, 20, 22, 53, 54, 60

C

Contextos Educacionais 5

Cultura Popular 5, 25, 31

D

Desigualdade Social 47

E

Economia Solidária 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 79, 81, 82, 83, 84, 85

Educação Inclusiva 51, 54, 55, 57, 58, 60, 61, 110, 111, 115, 147, 148, 152, 153, 156, 157

Educação Infantil 39, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 137

Ensino de História 29, 38

Ensino de Matemática 117, 124

Ensino Superior 53, 54, 55, 58, 59, 102, 107, 108, 111, 112, 147, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 166, 167, 168

Envelhecimento Feminino 87, 89, 90, 91, 94

F

Formação de Leitores 126, 127

G

Gendrificação 63, 64, 65, 66, 71, 74

Gênero 11, 61, 63, 64, 65, 70, 73, 75, 78, 81, 83, 84, 85, 86, 91, 95, 115, 155, 172, 177, 183, 185, 189, 190, 191, 193

I

Inclusão Escolar 116

Inclusão Social 5, 44, 51, 140, 150

L

Letramento 7, 89, 116, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 163

Libras 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167

M

Medicina Popular 1, 9, 12

Mobilidade Social 5

S

Sistema Prisional 170, 171, 182, 185, 186, 193

Surdos 115, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 168

T

Tecnologia Assistiva 49, 107, 108, 112, 147, 148, 153, 154

Terceira Idade 5, 87, 88, 89, 90, 92, 94, 96, 97, 101

V

Vínculos Sociais 87, 93, 96

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-595-2

